

# Saussure: a relação língua-escrita e a noção de “representação” em questão

Jomson Teixeira da Silva Valoz<sup>1</sup>

---

## RESUMO:

Neste trabalho, debruçamo-nos sobre a relação entre a língua e a escrita perpassada pela noção de representação em Saussure. Tomamos como *corpus* principal de análise o *Curso de linguística geral* (2004 [1916]) e assumimos que a escrita em Saussure apresenta implicações teórico-epistemológicas em relação aos aspectos linguísticos e semiológicos de sua teorização, conforme Testenoire (2022 [2017]). Objetivamos apresentar uma chave de leitura que busca desnaturalizar a visão saussuriana da escrita como representação da língua oral a partir da Teoria do Valor, assim como a prospecção saussuriana da Semiologia. Discutimos ser possível reabilitar a escrita como pertencente a uma teoria da linguagem e enquanto objeto de estudo linguístico a partir do próprio Saussure. Concluímos que a escrita em Saussure pode ser entendida como um sistema linguístico que não representa a substância sonora língua, mas que com ela se relaciona assim como com a fala, tendo a própria língua como âncora dessa relação.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Saussure;  
Relação língua-escrita;  
Representação;  
Teoria do Valor;  
Semiologia.

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UFAL. Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Práticas de Ensino da Universidade de Pernambuco. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Variação linguística, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas. Membro do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure. E-mail: [jomson.silva@upe.br](mailto:jomson.silva@upe.br). <https://orcid.org/0000-0001-5768-8289>

## 1 Palavras iniciais

Neste trabalho de caráter epistemológico e de natureza teórico-conceitual, apresentamos um recorte de nossa pesquisa de estágio pós-doutoral, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>2</sup>. Debruçamo-nos sobre a relação entre a língua e a escrita perpassada pela noção de “representação” em Saussure e suas implicações teóricas. Tomamos como *corpus* principal de análise o *Curso de linguística geral*<sup>3/4</sup> de Saussure, apresentando algumas considerações de seus comentadores em relação à escrita, principalmente Testenoire (2022 [2017]).

Objetivamos apresentar uma chave de leitura que busca desnaturalizar a visão saussuriana radical da escrita como representação da língua oral. Embora seja essa a assunção que se estabelece a partir do capítulo VI da Introdução do Curso, como destacado por autores que adotam a visão estritamente representacionista de Saussure – Fenoglio (2017) e Titello (2019) - é através do próprio Saussure que essa visão pode ser questionada, se posta de encontro aquilo que consideramos, junto a Milner (2002 [2003]), ser o ponto nevrálgico da teorização saussuriana, a saber, a Teoria do Valor, assim como a prospecção da Semiologia anunciada no Curso.

Transversalmente ao nosso objetivo principal, proponho-nos a discutir como a noção de representação é abordada na filosofia e nos estudos anteriores a Saussure de modo a entender como essa noção é assumida, ainda que paradoxalmente, pelo linguista genebrino no capítulo referido (“Representação da língua pela escrita”) e, ainda, como é possível reabilitar a escrita como objeto de estudo linguístico a partir do próprio Saussure, abordando esse fenômeno a partir de uma Teoria da Linguagem conforme aponta Chiss e Puech (1983).

A proposta de desnaturalização da visão estritamente representacionista da escrita em Saussure parte da adoção de nosso ponto de vista, ao acompanhar o pensamento de Testenoire (2022 [2017]), que defende para além da noção de representação que “a escrita constitui um ponto nodal do pensamento de Saussure, onde se articulam reflexões propriamente linguísticas assim como o problema semiológico” (p. 173). Dessa forma, a Semiologia anunciada por Saussure no Curso coloca a escrita em um outro lugar para fora da noção de representação e sua exclusão inicial por Saussure do objeto da Linguística, exclusão que parece ser fruto de necessidade de formalizar um objeto autônomo para essa ciência.

---

<sup>2</sup> O estágio de Pós-doutorado foi supervisionado pelo Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Doravante Curso ou CLG.

<sup>4</sup> Quando nos referimos a uma obra completa, utilizamos destaque itálico. Quando nos referimos a um capítulo específico de uma obra, utilizamos o destaque entres aspas.

Nesse mesmo caminho argumentativo, parece-nos, Saussure herda da filosofia clássica o conceito metafísico de fala como significante mais próximo da essência do pensamento e de escrita, por sua vez, como representação no sentido de imitação da fala, além de sua filiação, pelo menos inicial, ao movimento neogramático. Argumentamos para mostrar que, se num primeiro momento, a escrita para Saussure tem um caráter de imitação ou mimese, numa outra visada, a escrita pode e deve ser entendida como um sistema linguístico que não representa a língua enquanto substância oral, mas se relaciona com a língua e com a fala, tendo a primeira como âncora dessa relação e, só nesse sentido, se pode falar em escrita como forma secundária da língua.

Destacamos que, embora já exista na literatura especializada uma discussão importante com vistas a apresentar uma outra leitura de Saussure via escrita, ainda há, por outro lado, uma defesa dessa vertente representacionista de Saussure como a única possibilidade de conceituação sobre a escrita. A análise de Fenoglio (2017), por exemplo, leva em consideração apenas uma parte do Curso saussuriano, pois como afirma a autora

a concepção saussuriana da escrita está disponível *apenas* no capítulo de Introdução ao Cours, no Capítulo VI, intitulado “Représentation de la langue par l’écriture” [Representação da língua pela escrita] (cujo título, já significativo, permite a Benveniste concentrar-se neste termo “representação”) e através do parágrafo 3 do capítulo VII sobre a fonologia, parágrafo intitulado “critique du témoignage de l’écriture” [crítica ao testemunho da escrita] (Fenoglio, 2017, p. 279, *itálico meu*).

O termo restritivo “apenas” na fala da autora nos mostra que a noção de escrita enquanto representação é concebida dessa parte do CLG sem se levar em consideração o que realmente se apresenta como a novidade saussuriana no Curso, qual seja, a Teoria do Valor, conforme defendemos em Silva Filho (2018; 2020), junto a Milner (2003 [2002]) e Cunha (2008). Consideramos que toda a teorização de Saussure deve ser alicerçada nesse conceito fundamental do qual todo seu cabedal teórico deve prescindir. Por isso, propomos estender a análise sobre a noção de escrita a esse importante capítulo do Curso. Conforme nos esclarece Testenoire,

a reflexão saussuriana sobre a escrita não pode ser resumida, como sabemos, no capítulo 6 da introdução à CLG intitulado “Representação da linguagem pela escrita”. *A escrita recebe, em todo o CLG, um tratamento profundamente ambivalente: criticada como mediação enganosa da linguagem, também é chamada como um análogo relevante para refletir sobre as características do objeto linguístico.* A escrita de Saussure, portanto, participa do que chamamos de duplo processo de velamento e desvelamento da linguagem (Testenoire, 2016, p. 37, *itálicos meus, tradução minha*).

É exatamente a partir desse “tratamento ambivalente” que buscamos desnaturalizar a visão representacionista da escrita em Saussure, embora não neguemos que ela exista, mesmo que de forma paradoxal, como destacamos no título deste trabalho. A partir ainda de Testenoire (2016; 2022 [2017]), pontuamos haver em Saussure a possibilidade de reabilitação da escrita como o ponto em que se articulam reflexões linguísticas e semiológicas, ao contrário do que defende Titello (2019), ao afirmar que

O que está em discussão, portanto, para Benveniste é o fato de a semiologia da língua produzir, via relação de interpretância, a escrita enquanto sistema semiológico constituído na e pela semiologia da língua. Se é assim, podemos pensar que as propriedades da língua também comparecem na escrita. *Discussão que está completamente ausente das reflexões saussurianas* (p. 142, itálicos nossos).

Numa análise comparativa entre Saussure e Benveniste e suas diferentes concepções do fenômeno da escrita, Titello (2019) objetiva mostrar como o mestre sírio apresenta uma visada semiológica em relação ao mestre genebrino e sua perspectiva teórica sobre a escrita. Mesmo concordando com Titello (2019) em relação ao fato de que é Benveniste quem coloca a escrita no âmbito da semiologia através da propriedade de autointerpretância da língua, discordamos com o autor quando este defende a ausência total da reflexão saussuriana da escrita via semiologia, pois acreditamos que essa reflexão é possível, ainda que prospectivamente, a partir da Teoria do Valor.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta a seguinte estrutura: para além desta Introdução, apresentamos na segunda seção uma breve discussão sobre a noção de representação e sua relação com o conceito saussuriano de língua. Em seguida, abordamos o estatuto da escrita nos estudos pré-saussurianos na terceira seção. Na quarta seção, tratamos das possibilidades de reabilitação da escrita a partir de Saussure por meio da inovação hjelmsleviana e da desconstrução Derridariana. Em continuidade, na quinta seção, argumentamos sobre a relação língua-escrita em Saussure e suas implicações teóricas. Em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

## 2 Notas sobre a noção de representação e sua (não) relação com o conceito de língua

“Qual é o objeto, ao mesmo tempo, integral e concreto, da Linguística” (Saussure<sup>5</sup>, 2004 [1916], p. 15). Essa é a pergunta que abre o capítulo III da Introdução do *Curso de linguística geral*, “A língua: sua definição”. A pergunta deixa escapar de Saussure a necessidade de estabelecer para a Linguística seu objeto.

Normand (2011), por exemplo, destaca que Saussure escolhe a língua como esse “objeto integral e concreto” da ciência linguística, uma vez que “era preciso estabelecer as [suas] bases” (p. 16, inserção entre colchetes nossa). “Mas, o que é a língua?” (Saussure, 2004 [1916], p. 15) é o que ainda questiona Saussure numa espécie de argumentação baseada em perguntas e respostas como meio de estabelecer as bases da “fundação”, já que como também afirma Normand “essa questão e sua resposta são aquelas de um teórico da linguística e é como tal que, com razão, apresenta-se Saussure” (2000, p. 34).

Por esse prisma, sem querer elencar as definições e a rede de relações entre os princípios que determinam o conceito saussuriano de língua, interessa-nos destacar que “o gesto inaugural de Saussure, no campo dos estudos da linguagem, pode ser condensado em sua recusa radical à concepção de língua como representação, recusa daquilo que ele concebe como uma abordagem filosófica da linguagem” (Carvalho; Melo, 2020, p. 2, *itálicos meus*) e, conseqüentemente, como nomenclatura. Esta concepção é baseada em uma abordagem filosófica da linguagem com a qual Saussure opera uma ruptura epistemológica, conforme lemos no CLG, embora a noção de representação tenha se estabelecido como um “fora” que permanece sempre latente na teorização de Saussure, via escrita.

Essa abordagem filosófica a qual nos referimos defende a ideia de que a relação entre o nome e a coisa nomeada é direta e natural, uma vez que a palavra está naturalmente ligada à “coisa” a qual representa. Sendo assim, o signo, numa acepção filosófica, ou pré-linguística, é entendido como representação do real ou de seu referente.

Sobre a questão da representação em Platão, por exemplo, Ricouer (2007) elucidada que o filósofo entende a representação como a presença de uma coisa que está ausente, enquanto para Aristóteles, a representação seria da ordem da questão imagética.

---

<sup>5</sup> Para além de toda problemática que circunscreve a gênese do *Curso de Linguística Geral*, neste texto assumimos que o *Curso* é uma obra de autoria de Saussure. Nossa assunção toma como base o texto de Silveira (2007) para quem podemos encontrar no *Curso*, ainda que espessos, ecos do pensamento de Saussure. Além disso, conforme De Mauro, “O Cours é a soma mais completa da doutrina saussuriana, e é, provavelmente, destinada a permanecer. Nossa dívida para com Bally e Sechehaye é, dessa forma, grande e evidente (De mauro, 1967, p. v).

Borges Neto (2004), por sua vez, ao tratar da história da ciência linguística antes do século XIX, afirma que os estudos sobre a linguagem se dividiam entre os nocionais e os filológicos. Os estudos nocionais são relacionados aos nomes de Platão e Aristóteles, já que são esses que tratam dos estudos da linguagem especificamente a partir da relação entre som e sentido. Por isso, “possui fundamentação lógico-filosófica e concebe a linguagem como representação (do mundo ou do pensamento)” (Conti, 2009, p.1) e, ainda, “concentra-se na função representativa universal da linguagem e nos elementos que a tornam possível” (Conti, 2009, p. 1).

Sobre isso, Conti (2013) interpreta haver uma discussão que leva em conta a relação entre as palavras e as coisas. Contudo, não há, nesse caso, uma discussão sobre a natureza dessa relação. Assim, diz a autora

É Aristóteles quem delinea um processo tríade para explicar como e porque as palavras e as coisas se relacionam: **os signos falados são representados pelos signos escritos**; os signos falados representam impressões na alma e as impressões na alma são a aparência das coisas reais (Conti, 2003, p. 32, negritos meus).

Suponhamos ser essa uma das posições de Saussure no Curso, ou seja, Saussure herda da tradição filosófica clássica a ideia de que a fala exerce um privilégio metafísico, embora recuse a noção de língua como nomenclatura. Dessa forma, a escrita comparece, num primeiro momento, de acordo com o que encontramos na visão saussuriana do Curso, como sendo um significante que representa outro significante, primeiro e natural, a saber, o som, a fala. Como afirma o genebrino, a escrita “é muito mais fácil de aprender que o *liame natural*, o único e verdadeiro, o som” (Saussure, 2004 [1916], p. 35, itálicos nossos).

O gesto inaugural de Saussure de recusa à noção de língua como nomenclatura, apresenta consequências teórico-epistemológicas fundamentais relacionadas a temas que compõem a rede conceitual saussuriana. Sobre isso, o mestre genebrino afirma que embora a visão de língua como nomenclatura seja uma visão simplista, ela nos aproxima da verdade, já que evidencia que a unidade linguística, o signo, é constituída pela união de dois termos aos quais, posteriormente, Saussure denominará de significado e de significante.

Em relação ao conceito de signo, Milner (2003 [2002]) destaca a diferença entre as teorizações de Saussure e de Port-Royal, por exemplo. Milner afirma que essa diferença se baseia especialmente na noção de assimetria em que consiste o port-royalismo: a fumaça é o signo do fogo, a respiração é o signo da vida, a expressão do rosto é o signo do sentimento, mas não inversamente” (Milner, 2003 [2002], p. 29, tradução minha).

Em Saussure, por sua vez, a assimetria não é absoluta, mas ao contrário, está baseada na reciprocidade. Sobre isso, destaca Milner a partir do Curso: “uma sucessão de sons só é linguística se comporta uma ideia [...] os conceitos [...] só se tornam entidades linguísticas por associação com imagens acústicas” (Milner, 2003 [2002], p. 29, tradução minha). O que Saussure faz, então, é recusar uma teoria clássica de signo segundo a qual este é uma realidade que representa, numa relação assimétrica, outra realidade.

Se a fundação da linguística está associada à recusa à noção de língua e de signo como representação, estendemos essa recusa à noção de escrita. Na busca por entender como a noção de representação foi atribuída à escrita por Saussure, apresentamos, na seção que se segue, a abordagem pré-saussuriana da escrita.

### **3 O estatuto da escrita na linguística pré-saussuriana: a filologia, a gramática comparada e os neogramáticos**

Nesta seção, buscamos apresentar brevemente como a escrita foi encarada na linguística pré-saussuriana, menos com a intenção de estabelecer um percurso histórico e cronológico e mais como forma de possibilitar o entendimento de como Saussure herda de estudos anteriores sua interpretação da escrita como representação.

No capítulo I da Introdução do CLG, Saussure se propõe a apresentar uma “visão geral da história da linguística”. Nesse percurso, o genebrino historiciza três momentos da ciência linguística, antes de esta reconhecer qual seria “seu verdadeiro e único objeto” (p. 7).

O autor elucida que a primeira fase em que se pode remontar os estudos da linguagem de um ponto de vista científico é a Gramática. Tendo os gregos como precursores, e os franceses como sucessores, a Gramática objetivava estabelecer normas de certo e errado, sendo caracterizada como uma disciplina normativa.

O segundo momento apontado por Saussure corresponde à Filologia. Para Saussure, a Filologia não tem como objeto único a língua, mas se ocupa em “antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc” (Saussure, 2004 [1916, p.7]).

Na sequência de sua argumentação, Saussure destaca que o método filológico era o da crítica. De acordo com Fiorin (2013), a filologia se desenvolveu principalmente por um critério religioso, já que no caso dos hindus, havia uma preocupação com a preservação e, mais que isso, com a interpretação correta dos textos reunidos no Vedas. Por isso mesmo, a escrita comparece como um importante

objeto para a filologia que apresenta métodos de decifrar textos antigos, principalmente textos sagrados.

Como se pode notar, a escrita tem uma importância capital nos estudos filológicos, uma vez que é por meio dela que se pode comparar textos de diferentes épocas, inclusive decifrar e examinar textos (escritos) de línguas arcaicas. Mesmo assim, segundo Saussure, a filologia é falha, pois “apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada” (2004 [1916, p.8]). Para a filologia, então, a escrita era/é essencial e soberana.

Em continuidade, o mestre genebrino destaca que o terceiro período nos estudos da linguagem se dá quando se percebeu que as línguas poderiam ser comparadas entre si e isso foi possível também a partir da escrita. Deu-se início a um campo denominado de Gramática Comparada, caracterizado especialmente pelo estudo comparativo das línguas “com referência a um parentesco histórico ou ‘genético’. Dizer que duas línguas são aparentadas equivale a dizer que evoluíram de alguma língua precedente comum”. (Lyons, 1979, p. 21).

Robins (1979), por sua vez, afirma que a Gramática Comparada se desenvolve a partir da relação de dois pontos de vistas acrescidos ao conceito de gramáticas clássicas já existentes, a saber, a comparação de diversas línguas e a história fonológica e gramatical de línguas em particular.

O autor destaca que a Gramática Comparada carrega o mérito de ter estabelecido um desenvolvimento teórico e metodológico que caracterizou essa disciplina como um campo científico mais bem estabelecido do que os estudos linguísticos que a antecederam. Nas palavras do autor, “o século passado [XIX] assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio linguístico de maior parte dos esforços e talento dos linguistas” (Robins, 1979, p. 132).

Em sua dissertação de mestrado, Lima (2016), ao historicizar as noções de oralidade e escrita na linguística pré-saussuriana, apresenta-nos considerações importantes sobre o tema. A autora sinaliza que o trabalho de comparação de formas de palavras se dava exatamente por meio desse processo de analisar as mudanças fonéticas por meio de formas escritas. Nesse sentido, Lima (2016) destaca que nessa comparação de formas linguísticas, as letras se apresentavam como representantes dos sons que comprovavam a relação de parentesco entre essas línguas, numa relação entendida como direta, a saber, a letra correspondia ao som. Diz a autora:

A passagem de uma língua para outra era visível graças às mudanças de letras, e era possível explicá-las na medida em que as regras de mudança de letras fossem estabelecidas. Tal característica pode ser explicada se considerarmos que, na época, o estudo da evolução fonética ainda se confundia com o estudo de letras (Lima, 2016, p. 27).

Nesse sentido,

Um dos efeitos mais imediatos e mais importantes da preocupação do séc. XIX com a evolução das línguas foi a observação de que as modificações das formas das palavras e das locuções, nos textos escritos e nas inscrições antigas em geral se podiam explicar com base em mudanças atestadas ou postuladas na correspondente língua falada (de acordo com as “leis fonéticas”) (Lyons, 1976, p. 34, destaques do autor).

Interessante notar a observação de Lyons em seguida a essa passagem, segundo a qual para os primeiros comparatistas havia uma concepção clássica de que a língua escrita precedia a língua oral e, por isso, descreviam as transformações fonéticas por meio das transformações das letras das palavras.

Como ainda destaca Lima (2016) “a intervenção da escrita na análise da mudança linguística era, pois, inevitável” (p. 30), já que era a partir da escrita, das letras, que a evolução fonética podia ser caracterizada, de forma que a escrita, na concepção comparatista, atestava a semelhança fonética entre as línguas comparadas ainda que hipoteticamente, já que se comparava línguas que não apresentavam mais dados orais disponíveis.

Vimos que o papel da escrita foi fundamental para essa corrente, quer seja pelo fato de que os documentos escritos, eram, quase sempre, o único meio possível para obter dados de línguas não atestadas oralmente, quer seja pelo fato de que o estabelecimento de uma escrita científica deu à Gramática Comparada o status de ciência moderna.

Percebemos que o tratamento dado à escrita e, conseqüentemente, à oralidade, pela Gramática Comparada demonstra sua aceção daquela como representação desta, uma vez que é oralidade que está em questão por meio das mudanças fonéticas atestadas pela grafia. É nesse ponto que aparece uma importante escola crítica a essa concepção: os Neogramáticos.

Há uma mudança radical entre a visão dos Neogramáticos e a Gramática Comparada. Segundo Robins (1979)

A fonética recebeu vigoroso apoio dos neogramáticos, que deram grande ênfase ao estudo das línguas vivas e assinalaram ser a escrita incapaz de fornecer informações adequadas sobre a pronúncia real das línguas mortas. Desde então, já não era mais perdoável confundir letra com som de fala” (p. 151).

O foco de estudo dos Neogramáticos era a língua viva, de modo que esses novos estudiosos valorizavam a língua oral por acreditarem que as análises baseadas na escrita como prova de evoluções fonéticas não davam testemunho real dessas evoluções.

Paveau & Sarfati (2006) destacam que os Neogramáticos são os primeiros a entender a escrita a partir de seu caráter ilusório de modo a elegerem os sons como objetos de suas análises, ocasionando uma verdadeira ruptura teórica com os estudos anteriores que valorizavam a análise das formas linguísticas por meio da escrita. As autoras trazem a síntese de Hermann Paul (1880) destacando que:

Ele ressalta, primeiramente que a escrita, i.e. a representação gráfica da fala, não constitui, em nenhum caso, um instrumento de análise confiável para o linguista [...] ele ratifica a desqualificação do fundamento gramatical (i.e. gramemático) da linguística e preconiza claramente a constituição de uma ciência das sonoridades. (Paveau & Sarfati, 2006, p. 31).

Cabe ressaltar mais uma vez com Lima (2017) que, embora haja uma mudança significativa de perspectiva dos Neogramáticos em relação à Gramática Comparada, como se percebe claramente pelas citações acima, ainda há, nos dois casos, uma visão representacionista da escrita, de forma positiva para esta, e negativa para aquela. Essa visão representacionista reverberou também em Saussure no CLG como fruto da filiação de Saussure à tradição filosófica de Rousseau, como afirma Endruweit (2008). Contudo, consideramos que é possível “reabilitar” a escrita a em Saussure a partir de dois leitores do mestre genebrino, Hjelmslev e Derrida sobre os quais tratamos na seção que se segue.

#### **4 Possibilidades para a reabilitação da escrita a partir de Saussure: a inovação hjelmsleviana e a desconstrução de Derrida**

Em Gramatologia (1973), Derrida afirma que a linguística pretende ser a ciência da linguagem e que essa cientificidade se dá graças ao seu fundamento fonológico. Em outras palavras, é a fonologia que inicialmente garante à linguística o seu lugar de ciência, ciência da linguagem oral.

O autor nos diz que

A ciência linguística determina a linguagem – seu campo de objetividade – em última instância e na simplicidade irreduzível de sua essência, como a unidade de phoné, glossa e logos [...] será necessário admitir que a unidade imediata e privilegiada que fundamenta a significância e o ato da linguagem é a unidade articulada do som e do sentido na fonia. Em relação a esta unidade, a escritura seria sempre derivada, inesperada, particular, exterior, duplicando o significante: fonética. “signo do signo”, diziam Aristóteles, Rousseau e Hegel. (Derrida, 1973, p. 36)

Vale destacar que Derrida (1973) classifica a tradição lógico-positivista como logocêntrica e fonocêntrica, exatamente porque está baseada numa filosofia do ser como presença, uma vez que a voz estaria mais próxima do pensamento e por isso seria mais natural, como defende Aristóteles. Derrida objetiva então, romper com essa tradição lógico-positivista ou com aquilo que ele chama de filosofia clássica.

Seria nessa filosofia clássica atrelada ao nome dos autores elencados no final da citação anterior, que Derrida encontra a origem do pensamento que prioriza a fala em detrimento da escrita, pensamento ao qual se filia Saussure, como destaca também Endruweit (2008).

Borges (2006), por sua vez, nos diz que

Não só no pensamento de Aristóteles, mas em todo pensamento ocidental, os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma; e as palavras escritas, os símbolos das palavras emitidas pela voz, porque a voz, produtora dos primeiros símbolos, teria, com a alma, com o pensamento ou com o entendimento, uma relação de proximidade “essencial” e “imediate”. A voz seria o significante primeiro, e não um significante entre outros, porque a sua relação com a alma e com as coisas seria direta, ao passo que os outros significantes seriam de segunda ordem, porque remeteriam primeiramente à voz e, só secundariamente, às coisas. (p. 61, destaques da autora).

Se relacionarmos as palavras de Borges com o que está exposto no CLG e com a afirmação de Derrida que inicia esta seção, perceberemos de imediato a filiação de Saussure a esse pensamento, especialmente no capítulo VI da Introdução ao Curso, em que o próprio título “Representação da Língua pela escrita” parece denunciar a visão de escrita saussuriana.

Derrida (1973), então, volta-se para Saussure para realizar uma discussão em torno daquilo que ele chamou de logofonocentrismo. Segundo o autor, o logofonocentrismo é sustentado por duas noções, a de substância e a de representação, que traduz a tradição do pensamento filosófico ocidental. Nesse sentido, o autor reconhece na escola de Copenhague que tem Hjelmslev como líder, uma possibilidade de desfazer o liame natural da substância sonora e a secundarização da substância gráfica. É seguindo o pensamento de Derrida que passamos a tratar da inovação Hjelmsleviana, principalmente a partir de Lima (2016) e Faria e Lima (2017).

Lima (2016), ao apresentar a leitura de Hjelmslev sobre a escrita como efeito do Curso de Saussure, afirma que aquele autor apresenta uma “inovação”. Diz a autora: “Hjelmslev fez das ideias de Saussure uma leitura particular, original [...] a Glossemática não se configura meramente como uma tradução do pensamento saussuriano, mas, antes, como uma inovação. Esse é um dos aspectos da originalidade do dinamarquês” (Lima, 2016, p. 60).

Essa inovação diz respeito, dentre outros fatores, à noção de representação do signo vocal pela escrita. O linguista dinamarquês adota o ponto de vista saussuriano

segundo o qual a língua é uma forma e não uma substância, mas vai além do genebrino, pois na radicalização dessa assunção (Faria e Lima, 2017), Hjelmslev acaba por desfazer a premissa da existência natural e primeira de uma substância da qual a escrita seria apenas uma representação. Como vimos nas seções anteriores, para Saussure essa substância que apresenta um “liame natural” da língua é o som, a fala, o signo vocal.

Dessa forma, o linguista dinamarquês, afirma que

A substância fônica não é nem mais fixa nem mais rígida; não é um molde cujas formas o pensamento deva necessariamente tomar [...] se conservarmos a terminologia de Saussure, temos então que nos dar conta – e justamente a partir de seus dados – de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente. (Hjelmslev, 2013 [1943. P. 55]).

Como se pode perceber das palavras do autor, não se deve considerar uma substância, qualquer que seja, independente da forma, já que aquela só ganha existência em função desta por meio do sentido. Sendo assim “a projeção da forma sobre o sentido dá origem à substância” (Faria e Lima, 2017). Segundo Hjelmslev, o sentido é fator comum a todas as línguas, mas por ser arbitrário, manifesta-se de formas diferentes nas diferentes línguas. E é exatamente a partir do arbitrário que rege a relação entre forma e substância que o dinamarquês opera a inovação segundo a qual a “substância da expressão oral”, para usarmos os termos hjelmslevianos, parece perder seu *status* de substância natural e a “substância da expressão escrita” pode ser pensada de outro lugar que não seja o da representação (Faria e Lima, 2017, p. 1038).

De acordo com o que discutimos na seção anterior, essa é a noção de escrita defendida por Saussure, a noção de escrita como representação, ainda que de forma paradoxal. Chamamos atenção, no entanto, para o fato de que o pensamento hjelmsleviano oriundo do Curso abre a possibilidade de pensar a escrita de um outro lugar ao negar a existência de uma substância primeira e natural. Dessa forma, a leitura de Hjelmslev nos permite entender que sendo a língua uma forma, deve-se considerar todas as substâncias manifestadas por ela. Assim, a assunção de que a escrita é derivada da língua oral assente na ideia de anterioridade desta em detrimento daquela é interrogada por Hjelmslev.

Assumem, então, Faria e Lima (2017) que

Hjelmslev radicalizou a concepção de língua enquanto forma, o que, conseqüentemente, o fez conceber tanto a oralidade quanto a escrita como substâncias igualmente possíveis de manifestar a língua, fato que, conseqüentemente, problematiza a ideia de representação do oral pelo escrito (p. 1043).

Dessa forma, a consequência da inovação de Hjelmslev considerada pelas autoras é exatamente a possibilidade que o autor dinamarquês abre para que as diversas substâncias em que a língua possa se manifestar, inclusive a gestual, devem ser consideradas de forma igualitária e não por meio de uma hierarquia que tem a língua oral como signo primeiro e relega à escrita o *status* de representação. Essa noção parece já estar em Saussure quando o autor nos diz da imaterialidade e do caráter incorpóreo do significante, embora reconheçamos com as autoras que é Hjelmslev quem vai levar essa ideia ao seu desenvolvimento mais radical.

Voltando à análise de Derrida (1973), o autor afirma que Saussure, ao tratar do caráter arbitrário do signo linguístico, impede, dentro do funcionamento da língua, a distinção entre signos orais e signos gráficos, contrariamente à visão “defendida” por ele mesmo na Introdução do Curso e, por isso, Derrida aponta que é preciso opor Saussure a ele mesmo por meio do arbitrário do signo e da Teoria do Valor.

Ainda segundo Derrida, o próprio caráter imotivado dos signos serve de evidência para se excluir toda relação de subordinação natural entre significantes, uma vez que a escritura em geral, abrange todo campo dos signos linguísticos (Derrida, 1973, p. 54). Em continuidade, defende o autor que

deve-se recusar, em nome do arbitrário do signo, a definição saussuriana da escritura como “imagem”. Sem pensar que o fonema é o próprio inimaginável, e que nenhuma visibilidade a ele pode se assemelhar, basta considerar o que diz Saussure da diferença entre o símbolo e o signo (p.82) para que não mais compreendamos como pode ao mesmo tempo dizer que a escritura é “imagem” ou “figuração” da língua e, em outro lugar, definir a língua e a escritura como “dois sistemas distintos de signos” (p.34). Pois, o próprio do signo é não ser imagem. (p.34) (Derrida, 1973, p.55).

Derrida ainda ressalta que Saussure mesmo nunca pensou que a escritura fosse de fato uma imagem ou figura, uma representação da língua falada:

Na verdade, mesmo na escritura dita fonética, o significante “gráfico” remete ao fonema através de uma rede com várias dimensões que o liga, como todo significante, a outros significantes escritos e orais, no interior de um sistema “total”, ou seja, aberto a todas as cargas de sentidos possíveis. É da possibilidade deste sistema total que é preciso partir (Derrida, 1973, p.55)

Como possibilidade de resposta à indagação de o porquê de Saussure atribuir esse caráter de representação à escrita, parece-nos que isso se deve à exigência de se inaugurar uma ciência linguística a partir de um objeto autônomo. Saussure, uma vez instigado a estabelecer o objeto da linguística optou por excluir desse objeto tudo que ele considerou como estranho ao sistema interno, como a escrita, por exemplo.

Dessa forma, mesmo entendendo que a escrita, assim como a língua, se apresenta como um sistema de signos, Saussure atribui à escrita o caráter de imagem, de

representação da língua falada que por ser natural e signo primeiro, pode chegar ao patamar de objeto da linguística. Mas qual é de fato a implicações decorrentes de um ponto de vista que relaciona a língua e a escrita assumindo esta como pertencente a uma teoria da linguagem? Vejamos.

## 5 A relação língua-escrita em Saussure: implicações teóricas

Testenoire (2022 [2017]) afirma que “as análises de Saussure referentes à escrita têm, frequentemente, sido julgadas como decepcionantes” (p. 173). Contudo, o autor defende a tese segundo a qual “a escrita constitui um ponto nodal do pensamento de Saussure, onde se articulam reflexões propriamente linguísticas e também o problema semiológico” (p. 173), tese com a qual concordamos inextricavelmente, como afirmamos na Introdução.

Na segunda seção, propusemos, ainda que de maneira sucinta, elucidar o lugar que a escrita exerceu na linguística pré-saussuriana. Aqui assumimos que essa “linguística pré-saussuriana” diz respeito aos estudos linguísticos realizados antes da síntese de Saussure operada pelo Curso (1916). Essa informação se faz importante, embora pareça óbvia, porque Saussure é apresentado também como um neogramático, como afirmam Paveau & Sarfati (2006) ao entender que esse grupo “reúne, entre outras personalidades: G. I. Ascoli, A. Leskein, H. Paul, K. Brugmann, F. de Saussure” (p. 25).

Hipotetizamos vir também daí a concepção saussuriana de escrita enquanto representação da língua (aqui entendida como língua oral), uma vez que o genebrino demonstrar entender o aspecto fônico da língua como significante por natureza superior à escrita. Nesse sentido, Stawinski e Milano (2017) afirmam que “o aspecto fônico foi organizador da construção de um ponto de vista epistemológico importante” (p. 1173), de forma que para Saussure, a escrita como imagem gráfica distorcida da oralidade a distancia de seu liame natural, por isso era necessário se apartar da escrita para realizar um estudo linguístico científico, o que nos faz entender em Saussure uma visão “desconfiada” da escrita.

Percebemos no genebrino “a desconfiança das formas escritas, desconfiança comum aliás a todos os neogramáticos e que se explica pelo seu desejo de evitar a confusão prejudicial dos primeiros comparatistas entre grafia e pronúncia” (Pavel, 1990, p. 16).

Oliveira (2019) afirma que essa “visão desconfiada” da escrita no Curso é fruto da escolha do ponto de vista sincrônico nos estudos linguísticos face ao desejo de estabelecer a linguística como ciência, em detrimento dos estudos diacrônicos/comparativos que, como vimos, prioriza o estudo das evoluções fonéticas através de registros gráficos das formas linguísticas. Por isso, entendemos que a exclusão da escrita do objeto da ciência foi uma consequência, também, da regularização,

homogeneização e formalização desse objeto, a língua, entendida como “social”, “autônoma” e “homogênea”.

A concepção de escrita como representação da língua, assim, foi assumida por Saussure no Curso, e como consequência, sua exclusão. Como elucida Endruweit, “a exclusão da escrita foi certamente um dos dramas de Saussure” (2008, p.2), e ainda, “eleger a escrita como objeto de estudo significa estender o olhar para exclusão. Trata-se de um excluído do centro de interesse da linguística, mas que sempre margeou seu caminho, pois a escrita como representação foi útil para a ciência” (ENDRUWEIT, 2009, p. 105).

Isso se deu, ao que nos parece, devido à busca de Saussure por formalizar um objeto para a ciência linguística, o que o obrigou a ceder ao positivismo de sua época e assim, “excluir” a escrita desse objeto, relegando a ela um lugar de representação, de fotografia, de imagem e dessa forma justificar sua exclusão. Assim, afirma Saussure: “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última por si só constitui tal objeto” (2004 [1996], p. 34).

Nessa perspectiva, Saussure parece ter cedido no Curso a uma concepção de escrita baseada no modelo de escritura fonética em que a escrita comparece como sendo um significante que representa outro significante. Esse fato pode ser justificado pela formação de Saussure como um neogramático, como destacou Pavel (1990), já que os neogramáticos tinham como objeto de estudo a mudança fonética dando lugar à voz, esquecida pela Gramática Comparada que buscava a comparação de formas escritas da língua.

O que se percebe é que, nesse capítulo VI do CLG, à escrita é atribuído um caráter de artificialidade e representação que inverte a ordem natural do fenômeno primeiro da língua. Assim, a escrita corrompe essa natureza, já que afeta a fala, alterando-a, fazendo-lhe mal, por usurpa-lhe o prestígio. Entretanto, pensamos que essa posição no Curso se deve à tradição filosófica ao qual o autor está inserido, a filosofia clássica, que dava à fala um privilégio metafísico, como já destacamos.

Testenoire (2022 [2017]), contudo, destaca que nos cadernos dos anagramas redigidos concomitantemente aos dois primeiros cursos de linguística geral, a palavra representação é “onipresente”. O termo representação é usado por Saussure - como demonstram as anotações dos cadernos dos alunos - como equivalente à “imitação” e à “figuração” designando uma reprodução imperfeita. Por isso, Testenoire (2022 [2017]) chega a deliberar que o termo representação nunca foi de fato teorizado por Saussure, de forma que “a acepção saussuriana de ‘representação’, portanto, está bem relacionada à problemática tradicional da mimese platônica” (Testenoire, 2022 [2017], p. 176).

Ainda assim, a noção de representação dada à escrita por Saussure é destaca no próprio título do capítulo VI da introdução intitulado “Representação da língua pela escrita”. O prestígio dado à escrita é assim apresentado pelo autor:

mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto (2004 [1996, p. 34]).

Interessante se faz destacar que um pouco antes dessa passagem, Saussure afirma que a escrita também é um sistema de signos, mas logo retifica que esse sistema de signos tem apenas a função de representar outro sistema de signos que é a língua, nesse caso a língua falada. A escrita seria, assim, representante do signo vocal.

Em seguida, o autor enumera os argumentos que justificam esse prestígio dado à escrita, a saber, i. a imagem gráfica é permanente e sólida, por isso “é mais fácil de apreender que o liame natural, o único e verdadeiro, o do som”; ii. as impressões gráficas são mais nítidas e duradouras, portanto, “a imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som”; iii. a utilização da escrita na escola (dicionários, gramáticas), assim, “acabamos por esquecer que aprendemos a falar, antes de aprendermos a escrever, e inverte-se a relação natural”; e, iv. a superioridade da escrita quando se há um desacordo entre a língua e a ortografia, “a escrita se arroga uma importância a que não tem direito”. (SAUSSURE, p. 34-35).

Para Saussure, então, a escrita “rouba” o papel do signo vocal, ocupando um lugar de usurpação, o que faz com que a escrita acabe por obscurecer a visão da língua, como um disfarce que inverte a relação “legítima e real existente entre a língua e a escrita” (p. 40). Saussure exclui, retira a escrita da língua e afirma ser aquela estranha ao sistema interno desta.

Podemos agora vislumbrar uma conclusão para a análise inicial de Saussure sobre a escrita a partir do ponto de vista sobre o qual discutimos até aqui. Inicialmente, de forma muito categórica, Saussure nos apresenta sua visão da escrita como essencialmente representacional, acessória, secundária, falaciosa, usurpadora. Fenoglio, inclusive, destaca que

Ao ler o CLG, somos surpreendidos pelo acúmulo de elementos negativos que caracterizam a escrita para um tão pequeno número de páginas, “escrita estranha ao sistema interno [da língua]” (p. 44), “a palavra escrita usurpa a palavra falada” (p. 45), “fotografia do sinal vocal” (p. 45), “prestígio da forma escrita” (p. 46), “prestígio da escrita” (p. 46), “imagem gráfica das palavras” (p. 46), “importância imerecida da escrita” (p. 47), “imitação” (p. 52), “tirania da letra” (p. 53), “a imagem visual chega a criar pronúncias viciosas; é um fato estritamente

patológico” (p. 53), “estranha ao sistema interno”, “imagem” do vocal, verdadeiro elemento linguístico de “prestígio”, “imagem gráfica das palavras”, “fator estranho” (p. 54), “elemento artificial” (p. 55), “ilusões da escrita” (p. 56), “apoio enganoso”, “natureza enganosa da escrita” (p. 58), “signo gráfico é apenas uma imagem” (p. 58) (Fenoglio, 2017, p. 279).

Se observarmos as expressões destacadas por Fenoglio, vemos que o genebrino dá grande valor à voz, à língua oral, como signo natural e primeiro, estando mais próximo do pensamento. Dizendo de outra forma, à fala é relegado um lugar de naturalidade, sendo a escrita dependente desta, que apenas se presta a representá-la. Segundo Derrida (1973), isso se deu devido a adoção de Saussure do que aquele chamou de fonocentrismo que dominou toda a metafísica ocidental, como vimos. Não é esta a possibilidade de entendimento da escrita, no entanto, quando nos debruçamos sobre capítulo IV “O valor linguístico”.

Contudo, neste momento, gostaríamos de chamar atenção, mais uma vez, para a passagem em que o CLG destaca a escrita como sendo um sistema distinto da língua, funcionando apenas como representação desta. Retomemos a citação: “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última por si só constitui tal objeto” (Saussure, 2004 [1996], p. 34).

Consideremos, agora, os cadernos de diferentes ouvintes do Curso para estabelecermos uma outra via de interpretação. No caderno de Dégallier encontramos: “Língua e escrita são dois sistemas de signos em que um tem a missão única de representar o outro”. Joseph, por sua vez, registra: “A língua e a escrita são dois sistemas de signos que têm a missão de representarem um ao outro.”<sup>6</sup> Constantin anota o seguinte: “A língua e a escrita são dois sistemas de signos, um tendo a <única> função de representar o outro. Pode parecer que os valores de cada um em relação ao outro não correm o risco de ser mal interpretado: um é apenas o servo ou a imagem do outro” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III (1910-1911), 1993, p. 41).

Diferente do que deixa transparecer o que se tornou o destaque do capítulo VI da Introdução do CLG, os cadernos dos alunos que deram origem à edição e publicação póstuma indicam haver uma reciprocidade entre o sistema da língua e o sistema da escrita. Essa reciprocidade sugere barrar a noção de representação no sentido de imitação de um sistema em relação ao outro. Isso faz com que Testenoire (2022 [2017], p. 177) chegue à seguinte conclusão: “Essa reciprocidade considerada entre os dois sistemas, ao contrário do modelo de representação unilateral apresentado no CLG, parece próxima do processo de autosemiotização da língua pela escrita, sobre o qual Benveniste fala em suas últimas lições no Collège de France”.

---

<sup>6</sup> Citações retiradas de Testenoire (2022 [2017], p. 177).

A conclusão de Testenoire se apresenta para nós como uma confirmação para a resposta de nossa questão, pois buscamos aqui apresentar uma chave de leitura que intenta a desconstrução da visão estritamente representacionista de Saussure em relação à escrita no que pode ser lido no CLG.

Testenoire (2022 [2017]) traz a teorização de Benveniste como forma de argumentar sobre a relação entre a língua e a escrita nos dois autores. Benveniste toma a escrita como evidência da característica de autosemiotização e autointerpretância da língua, o que faz com que o mestre sírio consiga explicar o axioma saussuriano segundo o qual a língua é o principal sistema semiológico entre todos os sistemas semiológicos existentes.

É por essa perspectiva que defendemos, em relação à escrita como pertencente a uma teoria da linguagem, que Benveniste parte de Saussure em sua teorização, mas chega a outro lugar, mesmo entendendo que Benveniste não necessariamente teoriza sobre a escrita, mas sobre a semiologia da língua, e assim, aborda a escrita como fenômeno que materializa a língua, que mostra a língua em seus próprios termos, como de forma muito atenta foi registrado por Constantin ao tomar nota das aulas do mestre genebrino.

Em relação a Benveniste, observando-se suas Últimas aulas em relação às várias aparições do termo representação nesta obra, uma de suas ocorrências nos chamam especial atenção, uma vez que a análise que faz Benveniste sobre a relação entre a língua e a escrita vai ao encontro da característica de reciprocidade entre esses dois sistemas destacada nos cadernos dos alunos anteriormente examinada. Ao nosso ver, se Saussure destaca que a língua é o principal dos sistemas semióticos, sem, no entanto, formular uma análise mais profunda dessa máxima, Benveniste teoriza que isso se dá porque

A língua pode – e pode sozinha – dar a um objeto ou a um processo qualquer o poder de *representar*. Para que um objeto seja “sagrado”, para que um ato se torne um “rito”, é preciso que a língua enuncie um “mito”, dê a razão de sua qualidade, torne “significantes” os gestos ou as palavras (Benveniste, 2014, p. 157, *itálico e aspas do autor*).

Representar, na citação acima, nos leva ao entendimento de que esse termo não expressa uma noção de subordinação ou mera imitação imperfeita, mas como análoga à noção teórica de semiotização. Nesse sentido, como esclarece Benveniste “a escrita é o instrumento de autosemiotização da língua” (2014 [2012], p. 155) e explica o porquê:

- 1) A língua é o único sistema significante que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser o interpretante dos outros sistemas.
- 2) Porém para que a língua se semiotize, ela deve *proceder a uma objetivação de sua própria substância*. A escrita torna-se progressivamente o instrumento dessa objetivação formal (BENVENISTE, 2014 [2012], p. 155-156, *itálico e aspas do autor*).

A língua, devido à sua propriedade metalinguística, pode semiotizar a si mesma por meio da escrita que a objetiva via representação, mas uma representação semiológica, poder atribuído à escrita pela própria língua de forma que a escrita mostra essa propriedade da língua como sua imagem.

É nesse sentido que Testenoire (2022 [2017]) destaca que a questão da escrita no CLG se apresenta como contraditória, uma vez que a escrita comparece nessa obra basicamente no capítulo VI da Introdução, como também destacamos anteriormente, caso em que é chamada a comparecer apenas com a função de representar o sistema da língua, assim como no capítulo sobre a discussão do valor linguístico, em que a escrita exemplificada pela letra “t” comparece em analogia ao funcionamento semiológico da língua.

Esse segundo comparecimento da escrita no CLG, ou seja, o ponto de vista que leva em consideração o valor linguístico e coloca a noção de escrita dentro de uma perspectiva semiológica, define a escrita como um sistema de signos comparável à língua. A Semiologia, ciência que Saussure anunciou, tem como objeto “a vida dos signos no seio social”, dessa forma, interessa a ela todos os sistemas de signos, dos quais a língua é o sistema principal. A partir da Teoria do Valor, a escrita se apresenta no CLG fora da noção de representação, o que não é uma questão trivial já que assumimos ser essa teoria a base epistemológica do pensamento saussuriano. Sobre isso, diz Milner (2003 [2002]):

[...] o conceito de signo é de pouco peso na linguística uma vez que ela é constituída: esta última apenas se estabelecerá como ciência ao considerar seu objeto do ponto de vista diferencial e negativo, ora, o signo fecha todo acesso a esse ponto de vista. Saussure também propôs não o nome signo, mas o nome de valor, ao se inspirar na teoria da moeda (cf. CLG, II, 4, §2) de forma que Saussure parte do signo para o abandonar, mas ele não o pode abandonar porque ele colocou o signo em seu ponto de partida. (p. 37)

Mesmo tendo o signo como ponto de partida, é o valor linguístico que de fato pode ser considerado como a novidade saussuriana, de modo que como defendemos em SILVA FILHO (2018; 2020), concordando com cunha (2008), é sobre o valor que Saussure teoriza, valor que só abstratamente pode ser lido como signo. Por isso não entendemos ser ao acaso que a escrita retorne nesse momento.

Aqui, a substância material não apresenta uma importância quando se tem em conta o valor marcado pelo jogo das puras diferenças, de modo que mesmo o som, outrora considerado natural, agora passa a ser entendido como “coisa secundária”, já que o significante linguístico não é essencialmente “fônico”, mas “incorpóreo”, ou seja, “não é constituído por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (Saussure, 2004 [1916], p. 138). Saussure continua:

Esse princípio é tão essencial que se aplica a todos os elementos materiais da língua, inclusive os fonemas. Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros cada um dos quais forma uma unidade claramente delimitada e cujo número está perfeitamente delimitado. *Mas o que os caracteriza não é, como se poderia crer, sua qualidade própria, mas simplesmente o fato de não se confundirem entre si.* Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas relativas e negativas. (p. 138, itálicos nossos).

É nesse momento que a escrita é chamada a comparecer como termo de comparação com o sistema da língua. Observemos que agora a escrita não é tomada como representação do signo vocal, mas como aquela que apresenta “um idêntico estado de coisas”. Diz o genebrino:

Como se comprova existir idêntico estado de coisas nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como termo de comparação para esclarecer toda a questão. De fato:

1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra t e o som que ela designa;

2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever t com variantes tais como:

A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do l, do d etc.;

3º os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. Esse caráter, sem ser idêntico ao segundo, está estreitamente ligado com ele, pois ambos dependem do primeiro. Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema;

4º o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema (isso se deduz também da primeira característica). Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação (Saussure, 2004 [1916], p. 138-9).

O que se percebe desta longa citação de Saussure da qual não poderíamos tratar senão a partir de sua própria letra é que a escrita é tomada como prova das principais teses da Teoria do Valor em relação à língua. Parece-nos que há aqui uma relação de equivalência de funcionamento entre esses dois sistemas e não apenas uma relação de representação ou de anterioridade de um sobre outro.

Essa virada de ponto de vista a que propomos se deve à prospecção saussuriana da Semiologia, ciência anunciada pelo genebrino e constituída por Benveniste, sendo esse autor, inclusive, o responsável por deslocar, de forma contundente, a relação entre a língua e a escrita para outra via que não apenas a da representação, o que defendemos já ser possível a partir do próprio Saussure, principalmente se considerarmos as anotações nos cadernos dos alunos que deram origem à edição do Curso, uma vez que nesses cadernos a radicalidade da noção de representação da escrita parece ser barrada, já que

essas anotações revelam certa reciprocidade entre os sistemas da língua e da escrita, fazendo com que Testenoite (2002 [2017]) relacione essa reciprocidade ao processo de autossemiotização da língua. A noção de escrita em Saussure, assim, pode suscitar implicações teóricas muito mais complexa do que parece mostrar o capítulo VI da Introdução do CLG.

## 7 Palavras finais

Neste texto, buscamos problematizar a leitura estritamente representacionista da escrita em Saussure. Sendo assim, a noção de representação comparece neste trabalho principalmente devido ao fato de que a literatura especializada parece entender Saussure como defensor de uma noção de escrita apenas como representação – nesse caso da língua oral – conforme defendem Titello (2018) e Fenoglio (2017), por exemplo.

Diferentemente desses autores, embora reconhecendo a importância de suas argumentações, quisemos mostrar que, da recusa à noção de língua como representação ou nomenclatura, Saussure, se lido não apenas a partir do capítulo VI da Introdução do Curso, nos permite entender que a noção de escrita tem implicações teóricas importantes relacionadas à sua rede conceitual como um todo e, ainda mais, se relacionada aos cadernos dos estudantes que serviram de fonte para a edição póstuma do *Curso de linguística geral*.

Concluimos, a partir da discussão proposta, que Saussure herda da tradição filosófica clássica a ideia de que a fala exerce um privilégio metafísico sendo representada pela escrita, adotando como consequência a ideia de subordinação entre os significantes oral e escrito. A exclusão da escrita por Saussure também pode ser entendida como uma escolha epistemológica, pois Saussure percebe a necessidade de se estabelecer um objeto para a Linguística e, a língua, e, para isso, exclui dele tudo o que de alguma forma fosse considerado externo ao seu sistema. Essa escolha epistemológica é, então, capaz de operar também a “ruptura” metodológica com os estudos anteriores à síntese estabelecida na edição do Curso.

A partir da análise de Lima (2016) e Faria e Lima (2017) sobre a radicalização feita por Hjelmslev da máxima saussuriana segundo a qual a língua é forma e não substância, nos foi possível apontar a desnaturalização da leitura representacionista de Saussure, uma vez que a partir desse axioma, não há a possibilidade de se compreender a existência de um significante natural e primeiro portador de essência, já que as diferentes manifestações da língua por meio de diferentes substâncias só é possível por meio de sua forma. Assim, conforme corroboram as autoras, Hjelmslev desfaz a premissa da existência natural e primeira de uma substância da qual a escrita seria apenas uma representação, instituindo uma inovação em relação à noção de escrita em Saussure.

Através do princípio da arbitrariedade, que coloca a relação entre os signos orais e gráficos a partir da noção de relação e da Teoria do Valor, Derrida (1973) nos autoriza a, de acordo com nossa interpretação, colocar a questão da escrita sob o prisma semiológico e, nesse sentido, desfazer a relação de subordinação e primeiridade entre esses significantes.

Nesse sentido, corroboramos com a afirmação de Testenoire (2022 [2017]), segundo a qual a escrita se constitui como um ponto nodal da reflexão saussuriana no que toca tanto os aspectos linguístico-epistemológicos quanto os aspectos semiológicos. Sobre estes, argumentamos que Saussure não teorizou exatamente a Semiologia, deixando o rumo dessa ciência para os futuros estudiosos.

Em relação à Semiologia, Benveniste, por exemplo, parece continuar do ponto em que Saussure parou. Dizemos isso, pois é o mestre sírio quem coloca a escrita dentro de uma teoria da linguagem, uma vez que estabelece a relação entre a língua e a escrita como um ponto teórico decisivo de sua Semiologia, ao destacar a escrita como instrumento de autosemiotização da língua.

Por fim, entendemos que a escrita se apresenta como um sistema semiológico que se relaciona com a língua de modo a ser chamada como via de comparação das teses que balizam a teorização sobre o valor e, dessa forma, está relacionado à língua e à fala. Essa assunção pode ser recuperada já em Saussure, ou seja, a escrita, longe de ser mera representação gráfica da língua oral ou um significante secundário e imperfeito de um significante natural e mais próximo da essência das coisas, estabelece com a língua e com a fala uma relação semiológica.

## Referências

- BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora UNESP, 2014 [2012].
- BORGES NETO, J. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CARVALHO, G. M. de; MELO, M. de F. V. de. Notas sobre a recusa saussuriana à noção de língua como representação. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2020.
- CONTI, M. A. Representações de um cavaleiro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 1, 2009, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, EDUFU, 2009. P. 1-8.
- CONTI, M. A. Representação: elemento da significação?. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 237-268, 2014.
- CHISS, J-L.; PUECH, C. La linguistique et la question de l'écriture: enjeux et débats autour de Saussure et les problématiques structurales. **Langue française**, nº 59, p. 5-24, 1983.
- CUNHA, R. B. A relação Significado e Significante em Saussure. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FENOGLIO, I. 'A língua e a escrita': distanciamento teórico entre Saussure e Benveniste. **Revista do GELNE**, Natal, v. 19, n. Especial, 2017.
- FIORIN, J. L. O projeto semiológico. In: FIORIN, J. L.; FOLRES, V. N.; BARBISAN, L. (orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 99-111.
- LIMA, D. T. **Forma pura e forma material: língua, oralidade e escrita a partir de Hjelmslev**. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2016.
- LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. De Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, 1979.
- MILNER, J. C. **El periplo estructural: figuras y paradigma**. Buenos Aires: Amorrortur/Editores, 2003 [2002].
- NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- NORMAND, C. Uma epistemologia da linguística. In: SILVEIRA, E. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- PAVEAUX, A-M e SARFATI, G-E. **As grandes teorias da linguística – da gramática comparada à pragmática**. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos, Clara Luz, 2003.
- PAVEL, T. **A miragem linguística**. Campinas: Pontes, 1990.
- RICOER, P. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROBINS, R. H. **Pequena História da Linguística**. Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1979.
- ROSÁRIO, H. M. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. 2018. 173 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].
- SAUSSURE, F. Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les Cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

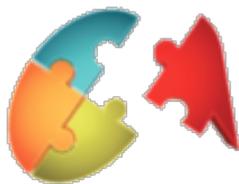
SILVA FILHO, J. T. da. Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.

SILVA FILHO, J. T. da. O signo linguístico entre Saussure e Benveniste: ainda de sua natureza “arbitrária” e “necessária” e sua relação com o sujeito falante/locutor. Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 23, n. 3, jul-set 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>>. Acesso em: 02 mai. 2023.

TESTENOIRE, P. Y. Sur la conceptualisation de la «langue écrite» dans les théorisations linguistiques du début du XXe siècle. **Dossiers d’HEL: écriture(s) et représentations du langage et des langues**, Paris, n. 9, p. 34-46, 2016.

TESTENOIRE, P. Y. “A linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO (se a ela adicionamos a escrita)”: a escrita como problema na reflexão teórica de Saussure. In: SILVEIRA, E; HENRIQUES, S. M. (org.). **Saussure: manuscritos, aulas e publicações**. Uberlândia: EDUFU, 2022. P. 173-196.

TITELLO, D. V. **A escrita como fenômeno semiológico em Émile Benveniste**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2019.



## Saussure: the language-writing relationship and the notion of “representation” in question

---

### ABSTRACT:

In this work, we look at the relation between language and writing permeated by the notion of representation in Saussure. We take as the main corpus of analysis the General Linguistics Course (2004 [1916]) and we assume that the writing in Saussure has theoretical-epistemological implications in relation to the linguistic and semiological aspects of its theorization, according to Testenoire (2022 [2017]). We aim to present a reading key that seeks to denaturalize the Saussurian view of writing as a representation of oral language from the Theory of Value, as well as the Saussurian prospection of Semiology. We discuss it is possible to rehabilitate writing as belonging to a theory of language and as an object of linguistic study from Saussure itself. We conclude that writing in Saussure can be understood as a linguistic system that does not represent orality, but relates to language and speech, having it as anchor of this relation.

---

### KEYWORDS:

Saussure;  
Language-writing relation;  
Representation;  
Value Theory;  
Semiology;